

A extensão universitária sob o viés da ética do cuidado: possibilidade de práxis emancipatória

Ilíria François Wahlbrinck*
Luci Mary Duso Pacheco**

Resumo

Considerando Ética do Cuidado como modo de vida em prol da dignidade de vida, objetivou-se conhecer se sua efetivação na Extensão Universitária possibilita diálogo sobre práticas educativas libertadoras. Considera-se Extensão Universitária ação emancipadora e Práticas Educativas Libertadoras como negação/rompimento de estruturas/práticas desumanizantes, apostando em processos humanizadores, cuidadores. Por abordagem qualitativa, metodologia bibliográfica e dialética compreendeu-se que desenvolver ações extensionistas pelo princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, de forma dialógica e interdisciplinar, possibilita à instituição formadora poder pontuar seu compromisso histórico-social como universidade comunitária empenhada numa formação profissional em que a humanização seja resultado de práxis libertadora que gera liderança.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Ética do Cuidado; Práxis emancipadora; Humanização.

The university extension under the bias of ethics of care: emancipatory praxis possibility

Abstract

Considering Ethics of Care as a way of life for the dignity of life, it was aimed to learn if its effectiveness in the University Extension enables dialogue about liberating educational practices. University Extension is considered an emancipatory action and Liberating Educational Practices as denial / disruption of dehumanizing structures / practices, focusing on humanizing processes, of care. By qualitative approach, bibliographical methodology and dialectics it was understood that developing extension actions by the principle of indivisibility of teaching-research-extension, in a dialogic and interdisciplinary way, enables the educational institution to be able to punctuate its historical and social commitment as a community university engaged in a professional education where humanization is the result of liberating praxis that creates leadership.

Keywords: University Extension; Ethics of Care; Emancipatory praxis; Humanization.

Aspectos introdutórios

Pela pesquisa aqui referenciada, buscou-se conhecer e analisar se a efetividade da Ética do Cuidado em projetos de Extensão Universitária possibilita um diálogo sobre Práticas Educativas Libertadoras. Abordada sob a perspectiva da relacionalidade, da interdependência e da complementaridade, a proposta sugeriu o Cuidado como constitutivo do ser humano em sua autenticidade. A pesquisa foi direcionada por três guias: na primeira, a Ética do Cuidado é apresentada como um modo de ser e de conviver; na segunda, os projetos de Extensão Universitária são apresentados como o elo entre universidade e comunidade e, na terceira, Práticas Educativas Libertadoras são apresentadas como aquelas em que a ação dialógica é (trans)formadora.

Num primeiro momento, procurou-se esclarecer que cuidar não é só assistir e nem somente prevenir e, também, que cuidar não é meramente informar, nem somente instruir. Para cuidar não basta

somente ver, escutar, perceber e amparar, pois cuidar implica em promover dignidade de vida pela transformação do fenômeno do descuido em Cuidado sendo, por isso, educação.

Entende-se que a educação implica em autoconhecimento (transformar-se a si mesmo), conhecimento (transformar o mundo) e reconhecimento (construção de relações de respeito e complementaridade – interdependência - entre todos e também em relação ao ecossistema) sendo, conforme Freire (1985), tarefa exclusiva do ser humano, uma vez que o verdadeiro papel que cabe aos homens é o de serem sujeitos de transformação do mundo, com o que se humanizam. Disso decorre que a finalidade fundamental da educação é a humanização.

Entende-se, ainda, que a humanização consiste num modo de ser e de conviver em que as pessoas não são reduzidas a coisas, o que sugere o Cuidado como princípio orientador no despertar para um ethos humanizador. Para Heidegger (2005, p.17), “para onde se dirige “o cuidado”, senão no sentido

* Endereço eletrônico: lia_iliria@hotmail.com

** Endereço eletrônico: luci@uri.edu.br

de reconduzir o homem novamente para sua essência? Que outra coisa significa isto, a não ser que o homem (*homo*) se torne humano (*humanus*)?”. Quando a responsabilidade de ser cuidador é assumida como forma de ser e de conviver, configura-se em *ethos*. Tal responsabilidade não é imediatista, casuísta ou simplista por estar fundamentada em um princípio humanizador, cuidador.

Assim, a fim de humanizar considera-se que é preciso adotar o Cuidado como saber e fazer, como uma forma de vida em que a possibilidade de humanização se efetiva por uma ética baseada em princípios universais que não podem ser negados, negligenciados, olvidados ou negociados, sob risco de resultar em desumanização. Isso implica em um *ethos* compreendido como jeito, modo, forma de ser e de conviver (vivência ética). *Ethos* este que, fundamentado num princípio axiológico, estimula uma atitude prática de apoiar e (re)criar atos conducentes à autonomia do ser, numa interdependência saudável com o meio em que se convive e com o outro ser, sob a perspectiva do Cuidado. Para que tais princípios não sejam esquecidos ou negligenciados, requer-se que sejam (re)lembrados, aprendidos e ensinados e isso, mais uma vez, remete à educação.

Na presente reflexão, abordou-se o tema educação sob a perspectiva da universidade considerando-se que esta possui um papel marcadamente social e que há um indispensável comprometimento por parte dessa instituição formadora com a história dos homens, pois estes a compõem: a universidade é impensável sem a humanidade.

Considera-se a educação (entendida como desenvolvimento da liberdade e solidariedade humana) como o mais amplo fim de uma universidade sendo que isso implica, conforme Paviani e Pazenato (1980, p. 23), no “cultivo dos ideais e valores que dignificam o próprio homem na medida em que aprende a ser livre, como agir em relação a si e aos outros, na medida em que a conquista da liberdade e da solidariedade formam a consciência do cidadão”. Assim, o compromisso ativo, com incentivo ao pensamento crítico-reflexivo e o conhecimento das realidades onde está inserida, faz com que a universidade cumpra a determinação de educar os homens para o mundo e a vida.

Conforme Crisostimo (2011, p.15): “a universidade brasileira tem o desafio de formar profissionais criativos, sujeitos e atores sociais que possam contribuir efetivamente para a melhoria de

vida em nosso país”. Nesse processo, ela assume o compromisso de ser instituição que prima pela qualidade no ensino e no desenvolvimento de pesquisas e ações cujo resultado dignifique a vida e o conviver. Sua função, então, é formar (o ser humano) para transformar (o contexto histórico-social em que esse ser humano é).

Considerando-se que na universidade se dá a formação de lideranças, uma formação humanizadora resulta que, em sua atuação profissional, tais lideranças sejam sujeitos comprometidos com a transformação de tudo aquilo que não contribui para dignidade de vida. Para Heidegger (2009, p. 7), “a liderança é o comprometimento com uma existência que, em certa medida, compreende de maneira mais originária, global e definitiva as possibilidades do ser-aí humano, devendo, a partir dessa compreensão, funcionar como modelo”. O autor esclarece, ainda, que ser liderança é “dispor de possibilidades mais elevadas e mais ricas da existência humana que não se impõem aos outros, mas, de maneira discreta, são exemplares e, assim, particularmente eficazes” (HEIDEGGER, 2009, p. 9). Ser exemplo não é, então, impor, mas viver de um jeito que, por ser exemplar, se torna eficaz no propósito de humanizar.

Conforme Sousa Santos (2010), uma universidade, para que seja reconhecida como tal, precisa desenvolver ensino como formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. O artigo 207 da Constituição Brasileira traz a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como um princípio sendo que, conforme Moita e Andrade (2009, p. 269), “a indissociabilidade é um princípio orientador da qualidade da produção universitária, porque afirma como necessária a tridimensionalidade do fazer universitário autônomo, competente e ético”. Dessa forma, somente interligados e relacionados estes três fazeres universitários possibilitam vislumbres de transformação dos sujeitos neles envolvidos e do contexto histórico-social no qual a universidade se encontra inserida.

Em pauta: a universidade

Neste espaço, busca-se situar, temporalmente e espacialmente, o surgimento e ampliação da universidade, ancorada em diferentes autores que expressam as discussões em pauta na variada literatura sobre o tema.

Foi com as escolas medievais como *studio generalis*, que eram instituições de ensino criadas para monges e sacerdotes visando aprofundarem a

educação que recebiam nas escolas religiosas, que a universidade atual se originou. Quem nela se formava estava habilitado a exercer o magistério em qualquer lugar. Assim, referindo-se a algo tipicamente medieval, a *universidade* tinha o sentido de comunidade, corporação de professores e alunos (*Universitas magistrorum et Scholarium*). A primeira universidade digna desse nome surgiu em Salerno, na primeira metade do século XI, como uma escola de Medicina, em que estudavam beneditinos e leigos.

O apogeu da universidade medieval se deu na segunda metade do século XIII, por meio da universidade internacional, com grupos de estudantes oriundos de uma mesma região formando o que foi denominado de nações de estudantes. Com o tempo, a universidade foi se adequando para atender às necessidades de cada época e, em cada período histórico determinante da evolução da sociedade, ela se moldou para atender aos diferentes interesses. Se, na Idade Média, ela respondeu aos anseios e necessidades da Igreja, na modernidade, ela respondeu aos anseios da burguesia, servindo, principalmente aos interesses do Estado.

Pode-se dizer que o momento atual evidencia mudanças profundas, tanto na estrutura do ensino na universidade como em sua posição e sentido social. Conforme Zabala (2004, p.19), “essa dinâmica de adaptação constante às circunstâncias e às demandas da sociedade acelerou-se nesse último meio século”. E salienta que, com o objetivo de colocar a universidade em condições de enfrentar os desafios impostos pelas forças sociais, está sendo incorporado em “ritmo de marcha forçada, mudanças na estrutura, nos conteúdos e nas dinâmicas de funcionamento das mesmas”.

A universidade brasileira tornou-se realidade no início do século XX, demonstrando um atraso evidente em relação aos principais países da América. Conforme Filho (1995, p. 40),

Durante muitos anos a universidade brasileira manteve-se na linha de formação (ou linha de produção?) de mão-de-obra pura e simplesmente. Mão-de-obra acrítica porque, proibida a politização estudantil, tínhamos como consequência o descaso pela participação, dando o aval involuntário às decisões do poder. Desta forma, a universidade tornou-se um lugar onde se tomava conhecimento do saber elaborado fora de seus muros, consumindo-o e reproduzindo-o acriticamente. Assim, ela não criava e tornava-se estéril [...] Destarte a universidade comprometia-se com o saber das classes dominantes, ficando

excluída sua função de prestar serviços à comunidade [...]

O ritmo acelerado da mudança e a necessidade de formação diferenciada fez com que esse ideal de função universitária se alterasse. Hoje, não basta às universidades que se contentem em apenas transmitir conhecimentos, mas que, combinando docência e pesquisa, possam também criá-lo. Para isso, é importante que os estudantes tenham uma formação prática e profissionalizante sem fechar-se em si mesmo, estando em contato permanente com o meio social, econômico e profissional, contribuindo para a sua transformação. Nesse sentido, conforme Zabala, (2004, p. 35) enquanto instituição social, é esperado que a universidade desenvolva “[...] ensino, pesquisa, administração dos recursos e do pessoal, dinamização social, serviço social e apoio às pessoas de baixa renda, estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais de pesquisa e formação, crítica social, etc”, o que implica no desenvolvimento não só de ensino e pesquisa, mas, também, de extensão.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na Universidade

Considerando-se que a contemporaneidade exige uma formação que articule competência científica e técnica com inserção política e postura ética, o ensino, a pesquisa e a extensão constituem os três instrumentos básicos da Universidade. Atendendo ao artigo 207 da Constituição Brasileira, que dispõe que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, os três devem ser equivalentes e merecer igualdade em tratamento por parte das instituições de ensino superior.

Conforme Silva (2002, p.1), a obrigatoriedade constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é extremamente importante para que as universidades sejam conduzidas, associando e integrando as atividades de ensino, pesquisa e extensão de maneira complementar, a fim de bem formar seus profissionais. Assim, pela pesquisa, aprimora-se o conhecimento existente e produzem-se novos conhecimentos; pelo ensino, conduzem-se esses aprimoramentos e os novos conhecimentos aos educandos e, pela extensão, pode-se proceder à

difusão, socialização e democratização do conhecimento existente, bem como das novas descobertas.

O princípio da indissociabilidade promove o processamento da interatividade crítica que rompe, por sua vez, com a cultura dissociativa entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Torna-se, assim, princípio fundante para a articulação concreta das atividades-fins do ensino superior. Pimenta (2002, p.164) confirma a importância da relação entre ensino, pesquisa e extensão, destacando que

entendemos a universidade como instituição educativa cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, que se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão. Ou seja, na produção do conhecimento por meio da problematização dos conhecimentos historicamente produzidos, de seus resultados na construção da sociedade humana e das novas demandas e desafios que ela sustenta.

Nesse sentido, a relação ensino/pesquisa/extensão supõe a transformação significativa do fazer pedagógico possibilitando a alunos e professores assumirem a condição de sujeitos dos processos de ensino e aprendizagem, levando à socialização e à democratização do saber acadêmico, estabelecendo uma dinâmica de intercâmbio e participação nas comunidades internas e externas na vida universitária.

Ao abordar-se cada um dos instrumentos separadamente, percebe-se, com clareza, a especificidade de cada um:

a) Pesquisa

Entende-se que toda atividade voltada para a solução de problemas, como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade pode ser classificada como pesquisa. Segundo Pádua (2002, p. 54), é a atividade que permite, no âmbito científico, elaborar um conhecimento que auxilie na compreensão da realidade e oriente ações frente a ela tomadas.

Na universidade, a pesquisa é compreendida como princípio científico e acadêmico, formando matéria prima do conhecimento, considerada atividade fundamental do ensino, da promoção e difusão do conhecimento e das ações e programas de extensão. A pesquisa é função básica da universidade e, por ela, objetiva-se promover o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como a criação e difusão da cultura, em perfeito entrosamento com o ensino e a extensão.

Considerando-se que a pesquisa visa à

produção de conhecimento novo, fidedigno, teórico e com relevância social, com a evolução do pensamento epistemológico ela sofreu transformação: a pesquisa como “busca da verdade” foi substituída pela pesquisa como tentativa de aumentar o poder explicativo das teorias. Dessa forma, o pesquisador passou a ser um intérprete da realidade pesquisada, capaz de demonstrar a fidedignidade e a relevância teórico-social do conhecimento produzido e a pesquisa, na universidade, garante o suporte às atividades de ensino e de extensão, consolida grupos e redes, sustenta a pós-graduação e a produção intelectual, realimenta e qualifica a extensão universitária.

Para Demo (1996, p.128), “[...] a pesquisa exige diálogo crítico com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de interpretação”. Dessa forma, sem a pesquisa, compreendida como diálogo com a realidade, não há emancipação histórica criativa. A pesquisa deve ser vista, então, como processo que perpassa toda a vida acadêmica. Não há como falar em Universidade sem pesquisa, pois, só para ensinar, ela não se faz necessária. Conforme Demo (2004, p.36),

A pesquisa deve fundamentar o ensino, ser matéria prima do conhecimento. É um princípio científico e educativo que faz parte do processo emancipatório. Pesquisa deve ser vista como processo social que perpassa toda vida acadêmica e penetra na medula do professor e do aluno. Sem ela não há como falar de universidade, se a compreendermos como descoberta e criação. Somente para ensinar, não se faz necessária essa instituição e jamais se deveria atribuir esse nome a entidades que apenas oferecem aulas.

Proporcionando troca constante de informações e saberes, além de permitir que o conhecimento seja adquirido de forma prazerosa e transformadora, a pesquisa favorece o raciocínio e a reflexão crítica e assume, frente à educação, um papel de suma importância: o de promover uma aprendizagem efetiva. Ela é oportunizada, na Universidade, através da iniciação científica, das monografias de conclusão de curso, da busca e participação crescente de professores e acadêmicos em projetos e programas desenvolvidos pelos departamentos e áreas do conhecimento da universidade.

b) Ensino

O ensino corresponde, na Universidade, à organização curricular das disciplinas: os conteúdos, saberes e conhecimentos dinamizados pela atuação

do professor em sala de aula, podendo ser identificado como a concretização de um conjunto sistematizado de atividades pedagógicas com orientação formativa para a cidadania.

Considerado estímulo para ampliação dos conhecimentos o ensino é, também, a formação acadêmica básica, suporte teórico para fundamentar a pesquisa e a extensão e transcende, assim, aspectos do mercado, na formação de profissionais não só competentes, mas conscientes.

O Ensino não se caracteriza com o simples ato de transferir conhecimentos por aqueles que sabem àqueles que não sabem. Para isso, o processo de preparação profissional deve transcender aos aspectos voltados exclusivamente para o mercado. É sua função tratar, também, dos problemas sociais enquanto conteúdo do saber, com o propósito de garantir a preparação de profissionais competentes não só técnica e cientificamente, mas, também, conscientes de seu papel enquanto cidadãos, capacitados para atuar criteriosamente em vista das questões políticas e sociais.

c) Extensão

É pela extensão que a Universidade dá e recebe conhecimento, pois a mesma é processo educativo, cultural e científico, que possibilita articulação entre ensino e pesquisa. Assim, ela é ponte permanente entre os diversos setores da comunidade e a Universidade, onde ambos aprendem sendo que, segundo Botomé (1996, p. 36), “A extensão pode ser vista como uma parte do fazer humano que é realizado pela Universidade”.

A extensão universitária é um processo que vai até à sociedade, aos diversos segmentos sociais com uma dupla função, conforme Rays (2006): para estender o produto do ensino e o produto da pesquisa gerados no âmbito acadêmico e, ao mesmo tempo, nessa mesma acepção, como um processo que traz para a universidade tanto os problemas quanto os conhecimentos gerados nos mais variados segmentos da sociedade. Ela é uma espécie de ‘ponte permanente’ entre a universidade e os diversos setores da sociedade, funcionando como uma via de duas mãos, em que a universidade leva conhecimento e/ou assistência à comunidade e recebe, dela, influxos positivos como retroalimentação, tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e, também, aprendendo com o saber dessas comunidades.

Pela extensão, existe uma troca de conhecimentos, em que a universidade também aprende com a própria comunidade sobre os valores e a cultura dessa comunidade. Assim, a universidade

influencia e também é influenciada pela comunidade, o que possibilita uma troca de valores e saberes entre a universidade e o meio. A ação de estender o conhecimento, via extensão universitária, operacionaliza-se por meio de práxis dialética de produção/reprodução crítica do conhecimento, práxis essa mediadora entre universidade-sociedade-universidade.

Para a URI – Universidade Regional Integrada do alto Uruguai e das Missões, Extensão é processo educativo, cultural, científico que articula Ensino e Pesquisa de forma indissolúvel e viabiliza uma relação transformadora entre Universidade e sociedade, levando a instituição aos diversos segmentos sociais: entidades governamentais, setor privado, comunidade, movimentos sociais e público consumidor de conhecimentos, artes e esportes (PDI - URI, 1999/2004).

Pelas atividades de Extensão, a universidade disponibiliza à comunidade cursos e programas que abrangem diversas áreas de interesse. Estas atividades objetivam o estímulo e o desenvolvimento das potencialidades pessoais e coletivas, criando e ocupando espaços adequados às necessidades e expectativas das pessoas, na busca da dinamização do processo ensino e pesquisa, com a troca de saberes, além do atendimento a demandas regionais.

Rays (2006, p.4) define duas grandes modalidades, ofertados pelas instituições de ensino, nos Programas de Extensão Universitária: 1) *a Extensão como atividade extracurricular*; 2) *a Extensão como serviços sistemáticos à comunidade*:

Na primeira modalidade (extensão como atividade extracurricular) são ofertados: a) cursos de difusão cultural; cursos de extensão universitária; cursos de aperfeiçoamento, cursos de especialização (a extensão como uma das modalidades de cursos é herança da concepção europeia de extensão universitária, referendada pela legislação educacional brasileira em 1931, pelo Decreto 19.851 e, posteriormente, pela LDB 4.024/61); b) organização de congressos, seminários, encontros, palestras; c) assessoria a órgãos públicos e privados; d) atendimento a instituições profissionais; e) atividades filantrópicas.

Na segunda modalidade (serviços sistemáticos à comunidade) são ofertados: a) admissão de profissionais com curso superior, nos cursos de bacharelado e licenciaturas como alunos especiais (educação continuada); b) minicursos, oficinas pedagógicas, etc., nas mais variadas áreas do conhecimento; c) programas de alfabetização de adultos (aos vários segmentos da

sociedade).

Considerando-se que não se faz extensão universitária sem planejamento próprio e sistemático, o Plano de Desenvolvimento Institucional e os Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de graduação e de pós-graduação são componentes essenciais para que as instituições do ensino superior passem do discurso à ação concreta.

Aspectos de análise e discussão

A pesquisa, de abordagem qualitativa e metodologia dialética, foi desenvolvida relacionando sujeito e objeto em interdependência, considerando-se que a abordagem qualitativa oportuniza a formação de pesquisadores-transformadores quando estes assumem a utopia como “a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante” (FREIRE, 1980, p. 27). Na proposta desta pesquisa, levou-se em consideração que a atualidade caracteriza-se por problemas complexos que exigem não só novas perguntas e novas respostas, mas, sobretudo posturas de respeito, diálogo e troca. Considera-se que a extensão universitária, fundamentada na Ética do Cuidado, pode, diante desse quadro, trazer importante contribuição. Para Galo (2010, p. 20),

A extensão universitária deve ter como parâmetro o tripé constituído pela ética, pela sustentabilidade e pela interdisciplinaridade. Nem todas as concepções de extensão podem cumprir esta exigência. A concepção assistencialista e a concepção mercantilista não respondem adequadamente aos imperativos do tripé, por conta de seus enfoques parciais e fragmentados. Já a concepção acadêmica tem condições de atendê-los por conta da integração entre ensino, pesquisa e extensão e de estabelecer uma relação dialógica entre universidade e sociedade.

O estudo em questão desenvolveu-se na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – campus de Frederico Westphalen - RS. Como universidade, nela se desenvolvem o ensino, a pesquisa e a extensão. A URI é uma universidade comunitária, cuja visão é “ser reconhecida como uma universidade de referência que prima pela qualidade e ação solidária, inovação e integração com a comunidade”. Como missão, almeja “formar pessoal ético e competente,

inserido na comunidade regional, construindo conhecimento, promovendo a cultura, o intercâmbio, na busca da valorização e solidariedade humanas”.

Na formação ética para um caminhar rumo à transformação, considera-se fundamental a humanização, possível pelo Cuidado. Para tanto, requer-se postura dialogal, qualquer que seja a área em que se atue. Requer-se, pois, a compreensão de que a transformação somente é possível a partir do diálogo porque, como bem expressa Freire (1980, p. 83), “o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”.

No empenho de uma educação que forme para transformar, a força da ação extensionista pode se configurar como prática pedagógica libertadora, pois, observando-se a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, a práxis libertadora pode ser experienciada no âmbito da universidade e, também, da comunidade/sociedade em que ela se insere, numa relação de interdependência e complementaridade. Considera-se que a contemplação da Ética do Cuidado no desenvolvimento da extensão universitária oportuniza a transformação pela efetivação de práxis humanizadora no contexto histórico-social em que a universidade esta inserida. Isso implica, fundamentalmente, em 3 aspectos:

- 1) revitalização da humanidade¹ no ser humano;
- 2) esclarecimento de conceitos basilares (educação, ética, cuidado, humanização);
- 3) difusão da reflexão acerca da premência pela revitalização do Cuidado assumido como modo de ser (*ethos*).

Desenvolver ações extensionistas pelo princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, de forma dialógica e interdisciplinar, contempla a visão da Ética do Cuidado. Na busca por sua compreensão, busca-se esclarecer seu sentido a partir de três termos aí postos: ética, cuidado e extensão.

O termo ‘ética’, conforme Vásquez (2008) e Vaz (1988), deriva do termo grego *ethos*, significando ‘modo de ser’ ou ‘caráter’, este compreendido como um modo de vida construído pelo ser humano. Tal *ethos* consiste num espaço que não é simplesmente dado ao ser humano, mas sim por ele constantemente (re)construído. É, por isso, o lar, o chão, o abrigo onde se constrói a humanidade como modo de ser na existência, no mundo da vida, o ser-no-mundo de forma autêntica. Importa

compreender que, conforme Galo (2010), originalmente, para os gregos, *ethos* significa a casa existencial como sinônimo de uma gama de relações tecidas entre o ambiente e a comunidade. Esse *ethos*, em permanente (re)construção, assenta-se no que de mais essencial caracteriza o ser humano: o cuidado.

O termo ‘cuidado’, por sua vez, deriva do termo cuidar que, em sua origem latina, significa *cura* (*coera/Cogitare-cogitatus*). Compreende-se que, originalmente, ele nasce e se sustenta como resposta a necessidades humanas sentidas, percebidas e, por causa dessa sua origem, impõe-se como ética. O Cuidado é, então, a identidade de um *ethos* humanizador. Para Heidegger (2008), cuidar implica em humanizar e, em sua obra *Ser e Tempo*, o filósofo do existencialismo, expõe o cuidado como constituinte ou como a essência do ser humano (como um ser histórico-social) em sua autenticidade.

O termo ‘extensão’ é compreendido conforme conceituação definida pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em 1987:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento.

Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá, como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.

Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 2012, p. 8)

Desenvolver a extensão universitária como práxis humanizadora é compreender que a humanidade consiste na consciência da incompletude e sua necessária complementaridade e no empenho por sua real efetivação a partir de uma cultura colaborativa e não competitiva. Nessa direção, Freire (2006, p. 56) fala em inacabamento

do ser, cuja consciência move a um modo de ser com vistas à interdependência e complementaridade: “A consciência do inacabamento entre nós, mulheres e homens, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo”.

Assim, a consciência de que a falta de humanidade é deletéria, conduz a um modo de ser em que relações passam a ser tecidas fundamentadas pelo cuidado: relações de interdependência e complementaridade. No desenvolvimento de ações extensionistas, isso pode ser experimentado como troca de saberes e construção de novas possibilidades de desenvolvimento, na busca conjunta por caminhos. Ao transcorrer de forma dialógica e transdisciplinar, ela será processo educativo, cultural, científico e político. Poderá, então, pontuar na comunidade, o compromisso histórico-social da universidade como instituição que se empenha para que a humanização seja resultado de uma práxis libertadora caracterizada como ação extensionista.

Considerações finais

Na busca pela compreensão do sentido e da significação da Universidade e da Extensão Universitária, a pesquisa permite afirmar que a universidade, ao formar, é chamada ao ensinar, mas é, também, desafiada para transformar. Ela constitui o espaço onde se molda o humano, onde se formam lideranças (agentes transformadores, humanizadores) que protagonizam a transformação (sua, de outros e do contexto). Para isso, o desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão, em indissociabilidade, é pontual.

A pesquisa permite afirmar, também, que a contemplação da Ética do Cuidado nos projetos de Extensão Universitária são possibilidade de humanização, que acontece fundamentada em um princípio identitário axiológico caracterizado como Cuidado. Quando ele é compreendido e vivenciado como modo de ser e de fazer (neste caso especificamente no desenvolvimento da Extensão Universitária), torna-se um *ethos*. Sua vivência é a eticidade que resulta em humanização. Pela pesquisa, considera-se que a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão contempla a Ética do Cuidado sempre que resulta em inter e transdisciplinaridade, em protagonismo, em troca de saberes e em eticidade.

Pela pesquisa pode-se afirmar, também, que, para que seja libertadora, emancipadora, uma prática educativa precisa resultar em protagonismo de sujeitos éticos, cuidadores, pois somente sujeitos

éticos podem protagonizar ações éticas. A eticidade é, assim, a vivência de um modo de ser que contempla relações justas e dignidade de vida, de interdependência e complementaridade: um modo de ser humano, cuidador. A ética do cuidado consiste em um modo de ser que não aceita que o eu e os outros sejam reduzidos a súditos ou vítimas passíveis de subjugar, manipular ou explorar.

Pôde-se perceber, no desenvolvimento da pesquisa, que a universidade é espaço em que se objetiva a formação de lideranças que assumam responsabilidades de forma comprometida com a eticidade, o que promove transformação, humanização. É no cultivo da pesquisa científica, no empenho por uma formação humana, profissional e cidadã, que a universidade confere a possibilidade do alcance de uma posição protagonista a todos aqueles que se dispõem a aprender (saber) um fazer (profissão).

Faz parte da formação profissional a possibilidade de engajamento em projetos de iniciação científica (mais relacionados à pesquisa) ou em projetos de Extensão Universitária. A pesquisa permite afirmar que, no desenvolvimento da Extensão Universitária, orientando-se pelo princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, é possível relacionar diferentes ações. Dessa forma, pelo ensino formam-se lideranças, pela pesquisa auxilia-se no desenvolvimento regional e pela extensão se dialoga com a comunidade. Essa relação dialógica possibilita contribuir para que a comunidade seja cuidada pela universidade e possibilita, também, que a universidade seja desafiada a novas ações que contemplem o seu fazer.

A partir da pesquisa ficou demonstrado que a universidade está comprometida com uma formação humana e cidadã e que isso não só é expresso em seus documentos (como missão e visão), mas também se reflete, de forma significativa, no desenvolvimento da Extensão Universitária. Dados da pesquisa demonstram que as ações extensionistas são significativas e diversificadas. A prática da Extensão Universitária, especialmente relacionada ao ensino, e sob perspectiva emancipadora, foi destacada na pesquisa. A pesquisa apontou que as ações extensionistas compõem-se de reuniões e encontros, confecção de materiais, palestras, visitas, trilhas, exposições, orientações empresariais, assessorias, oficinas, campanhas, grupos de estudo, contação de histórias, musicalização, brincadeiras, formação de animadores e lideranças, pesquisas, ações práticas de cultivo de alimentos e organização social, cursos, debates, acompanhamento técnico.

A pesquisa bibliográfica mostrou que a Extensão Universitária foi, durante muitos anos, desenvolvida sob as modalidades do ensino e da prestação de serviços. A pesquisa de campo mostrou que, atualmente, já se consegue pontuá-la, em grau significativo, como prática educativa libertadora, cuidadora mostrando, nesse caminho em construção, mais uma vez sua ousadia, seu compromisso com a região e um caráter ético e dialógico.

A pesquisa demonstrou que há ações extensionistas que buscam gerar protagonismo pelo seu desenvolvimento como prática educativa libertadora, cuidadora. Os dados mostram que os projetos desenvolvidos de forma inter e transdisciplinar, inter setorial e inter profissional são os protagonizadores desta prática, pois buscam, pela dialogicidade, vivenciar novas formas de convívio, de produção, de consumo e, até mesmo de comercialização. São projetos em que a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão se faz sentir de maneira significativa. São projetos que servem de inspiração e modelo numa demonstração de que é possível apostar na formação de lideranças comprometidas com um *ethos* cuidador. Nesse sentido, há que se cuidar para que o resultado de tais experiências possa servir de inspiração na elaboração e desenvolvimento de mais ações dessa natureza. Considera-se, ainda, que estas ações podem configurar tema de estudo no campo de políticas públicas.

O propósito da pesquisa foi responder à questão “Pode a contemplação da Ética do Cuidado em projetos de Extensão Universitária propiciar um diálogo sobre práticas educativas libertadoras?”

Pela pesquisa realizada, percebe-se a contemplação da Ética do Cuidado nos projetos de Extensão Universitária desenvolvidos pela URI – FW em grau considerado significativo. Nas ações desenvolvidas consideram-se as demandas da região, com vistas ao desenvolvimento humano, tecnológico e regional, apesar de não se contar com uma pesquisa que identifique as demandas. Quando as ações extensionistas são de ensino, são desenvolvidas de forma compromissada com a universidade e a comunidade, visando propiciar formação e qualificação. Ações sociais também contemplam bem a Ética do Cuidado, na medida em que procuram mitigar sofrimentos e exclusões. Estas ações são desenvolvidas em escolas, com professores e alunos; em hospitais, com adoecidos e familiares; na rua, com a população; em comunidades, com pessoas marginalizadas; no campo, com agricultores e camponeses. A percepção da falta de “humanidade”

em alguma atuação profissional ou em face de uma “situação desumana”, em algum contexto histórico-social, desafia a Extensão Universitária a uma ação cuidadora sendo que tal ação, por se configurar práxis (ação-reflexão) emancipadora, resulta em transformação, humanização.

A pesquisa permite afirmar que a práxis da Extensão Universitária pode ser significativamente cuidadora. Sempre que pautada na indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão e desenvolvida de forma interdisciplinar, possibilita gerar não só inclusão e participação, mas o protagonismo, a autonomia, a capacidade de pensar e agir a partir de um princípio que conduza à dignidade de vida, sendo conduzida, portanto, como prática libertadora. Esse protagonismo se faz sentir como movimentos de resistência ou de resiliência, sempre que se quiser impor o descuido, com suas manifestações de descaso, omissão, violência e opressão e sempre que o cuidado se mostrar como possibilidade de continuidade ante os descaminhos e a falta de perspectivas animadoras para a comunidade. Nesse sentido, pela Extensão Universitária busca-se revitalizar culturas (como a cultura camponesa, por exemplo) e saberes (uso de plantas medicinais pela sabedoria popular, por exemplo). São práticas que demonstram um compromisso ético da universidade para com o desenvolvimento humano e regional, compromisso que ela expressa como visão: “ser reconhecida como uma universidade de referência que prima pela qualidade e ação solidária”, e que assume como missão: “*formar pessoal ético e competente, inserido na comunidade regional, construindo conhecimento, promovendo a cultura, o intercâmbio, na busca da valorização e solidariedade humanas*”. São práticas extensionistas que podem resultar em novas possibilidades de pesquisa, em que se experiencie novos saberes com outros sabores.

Assim, a realização da pesquisa “Da tomada de consciência à conscientização: empenhos da Ética do Cuidado em projetos de extensão” permitiu compreender que o ‘cuidado’ nasce e se sustenta como resposta a necessidades humanas, impondo-se como ética. A Ética do Cuidado consiste em um modo de ser e conviver que resulta em dignidade de vida. Isso demanda tomada de consciência e conscientização: a tomada de consciência pode ser caracterizada, conforme Freire (1978, p.119), como aquela fase do processo emancipatório em que as pessoas, dando-se conta da situação em que se encontram imersas (e que, a partir do que foi exposto, lhes nega a humanidade), dela emergem para

transformar a realidade. A conscientização é, em decorrência, um posicionamento vivenciado com vistas a protagonizar uma transformação comprometida com a humanidade, ou seja, possibilitar que não só o eu, mas também outros se tornem conscientes e protagonizem a humanização.

Esse processo implica em, basicamente, três diferentes fases de transformação: transformar a si (autoconhecimento), o mundo (conhecimento) e estabelecer relações de respeito, de interdependência e complementaridade (reconhecimento). É, pois cuidado, tarefa exclusiva do ser humano. Essas fases, embora diferentes, não ocorrem, no processo emancipatório, de forma isolada ou dissociada uma da outra, mas imbricam-se, mutuamente. Esse processo requer a formação de lideranças que o vivenciem como eticidade. A liderança, por sua vez, implica em uma práxis conjunta em que se pense e se faça com os outros (e não sem os outros ou pelos outros) a construção do processo emancipatório. É tarefa da universidade a formação de lideranças éticas, compromissadas com o desenvolvimento humano e regional e, nesse processo a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, pode configurar uma perspectiva libertadora.

Considera-se que uma prática educativa emancipadora é libertadora, pois consiste na negação e no rompimento de estruturas e práticas desumanizantes apostando em processos em que o cuidado propicie humanização, gerando protagonismo de sujeitos que se assumam como cuidadores. A Extensão Universitária, entendida como ação libertadora, é desenvolvida em contexto histórico-social definido por necessidades percebidas ou requeridas, que a universidade se propõe atender, de forma a gerar protagonismo. O protagonismo de um ser que se compreende e assume como humano, cuidador, é a transformação em que humanização deixa de ser teoria e libertação deixa de ser fantasia; passa a ser práxis cuidadora, que dignifica a vida da pessoa. Da tomada de consciência à conscientização move-se o *HOMO-CURA*, aquele que, por uma vivência caracterizada como cuidado, conduz à humanização.

Nesse sentido, a aplicabilidade do conceito de ética na educação pode ser traduzido como humanidade; a aplicabilidade do conceito de cuidado na educação pode ser traduzido como cultivar o saber e não cultivar o saber! O cultivo do saber permite o sabor da eticidade. E, assim, é possível (re)criar, sendo este um caminho (ainda e sempre) em construção, pois transcende o ser de cada um/a, embora somente com o ser de cada um/a possa,

de fato, fazer-se um caminho para poder-se caminhar e chegar a algum lugar.

Notas

1 Usa-se o termo assim posto para reforçar a ideia do humano no ente pertencente à espécie humana, à humanidade. É preciso distinguir o termo para evitar que seja confundido com o substantivo. Ao usá-lo, refere-se a um modo, jeito, forma de ser moldável somente no/pelo Cuidado. Considera-se ser isso que, justamente, em sua radicalidade, possibilita, ao ser humano, seu pertencimento autêntico à humanidade, pois que, em sendo humano, se humaniza e ajuda a humanizar.

Referências

BOTOMÉ, S. P. *Pesquisa alienada e ensino alienante – o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos; Caxias do Sul RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 49. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

CRISOSTIMO, A. L. *A produção do conhecimento na extensão universitária: estímulo-ação*. In: SCHMIDT, L. P., CRISOSTIMO, A. L. e KIEL, C. A. (Org). *O despertar para o conhecimento científico extensionista*. Guarapuava: Inicentro, 2011, p. 15-46.

DEMO, P.. *Educar pela pesquisa*. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.

_____. *Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012.

FREIRE, P.. *Pedagogia do Oprimido*. 5ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Extensão ou comunicação?* 8ed. São

Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GALO, Z. *Ética, sustentabilidade e interdisciplinaridade: balizas para a extensão universitária*. 2010. Disponível em <portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/viewFile/1928/1249>, acessado em 27/04/2014.

HEIDEGGER, M. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Ser e tempo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes e Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

_____. *Carta sobre o humanismo*. São Paulo: Centauro, 2005.

MOITA, F. M. G. da S. C. e ANDRADE, F. C. B. *Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação*. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.14 n.41 maio/ago 2009, p 269-280.

PÁDUA, E. M. M. de. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 8ed. São Paulo: Papirus, 2002.

PAVIANI, J. e POZENATO, J. C. *A universidade em debate*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980.

PIMENTA, S. G. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

PROen, Pró-Reitoria de Ensino. URI: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2005.

VÁSQUEZ, A. S.. *Ética*. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VAZ, H. C. de L. *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1988.

RAYS, O. A. *Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade*. Disponível em <<http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2003/01/a7.htm>>, Acessado em 15/02/2006.

SILVA JR., J. dos R. *Reforma do Estado e da Educação no Brasil de FHC*. São Paulo: Xamã, 2002.

para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA SANTOS, B. *A universidade do século XXI:*

O ensino universitário. Seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

Sobre as autoras

Ilíria François Wahlbrinck: Mestre em educação e pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Educação – GPE, no Grupo de Pesquisa Docência, Emancipação e Direito Educativo – GPDEDE e no Núcleo de Estudos em Filosofia na URI, com ênfase na Ética do Cuidado e Pedagogia do Cuidar.

Luci Mary Duso Pacheco: Doutora em educação e atua como professora da URI em cursos de graduação e no PPGEDU, na linha de pesquisa de Formação de Professores e Práticas Educativas. É Chefe do Departamento de Ciências Humanas da URI - campus de Frederico Westphalen e coordenadora institucional do PIBID. Faz parte como membro do GPE – Grupo de Pesquisa em Educação. É presidente da Rede Internacional de Investigação em Direito Educativo – RIIDE, no Brasil e líder do Grupo de Pesquisa Docência, Emancipação e Direito Educativo – GPDEDE.

Recebido em setembro de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.